



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

EM BUSCA DE NOVAS FÓRMULAS E TRAÇANDO NOVOS CAMINHOS: UMA REFLEXÃO SOBRE ATIVIDADES LÚDICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA¹.

Alex Pereira da Silva

Graduando em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: aleks1928@hotmail.com.

INTRODUÇÃO.

O conhecimento histórico tramita desde as mais remotas e incalculáveis temporalidades da história da humanidade, no entanto, sua própria modalidade de construção e de locução, aos moldes da atualidade, advém de uma recente temporalidade, mais especificamente, com sua emergência no século XIX, devido, ao prussiano Leopold Von Ranke. Ganhando mais respaldo acadêmico e maior visibilidade, assim como, importância, frente ao período púbere da identidade nacional, logo, o conhecimento histórico se transformou em um dos principais artefatos que simbolizavam o desenvolvimento intelectual de um respectivo espaço ou um signo de desenvolvimento. No contexto brasileiro, as prerrogativas do saber histórico moderno, foram instituídas por Arnold Varnhagen que juntamente com o IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), formulou o princípio da identidade nacional brasileira. Seguindo as ideias de estado nação, o ensino de história, foi massificado sob uma concepção base: a valorização dos heróis, dos símbolos e do ser brasileiro como essência basilar de uma “consciência nacional”.

Apesar da finalidade ser ineficaz até os dias atuais, em decorrência de múltiplos fatores, o ensino de história, concebido por esta busca do ser brasileiro e influenciado pelo positivismo europeu, empregou um forte e inegável impacto sobre a metodologia do ensino de história, assim

¹ Análise baseada em experiências de atividades formuladas e implementadas em minha estada no PIBID (programa institucional de bolsas de iniciação à docência), entre os anos de 2013 e 2014.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como, a postura docente frente à este saber nas salas de aula brasileiras. Devido a esta concepção, o conhecimento histórico, ganhou uma postura baseada na formalidade, elegância e rigidez.

Dito isto, esta breve análise problematizará a metodologia do ensino de história, baseando-a no rigor, na rispidez e na falta de interação deste referente saber, abordado em sua forma tradicional, juntamente, com sua inaplicabilidade aos respectivos interlocutores, que, em grande maioria, o estigmatizam como algo infrutífero devido a ruptura com o cotidiano fora da sala de aula. Partindo desta problematização, a metodologia que sustentará esta análise se baseará em duas frentes: uma revisão bibliográfica sobre a temática do ensino de história, juntamente, com o conjunto de observações acumuladas em atividades “não-convencionais” aplicadas na sala de aula, sendo estas, experiências possibilitadas pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), entre os anos de 2013 e 2014.

1. HISTÓRIA: COMO A CARICATURA DE UM SABER.

O que afirmar ou definir sobre o termo história? Bem, as definições são múltiplas, pois, se trata de um termo sumariamente polissêmico, no entanto, as diversas definições e aspectos que acompanham este saber não chegam ao corpo discente em decorrência de um conjunto de fatores, que, perpassam pela ínfima carga horária que ele ocupa no ensino básico, até, alcançando as próprias especificidades contextuais que a atual conjuntura temporal fornece. Devido a estes dois fatores algumas problemáticas se apresentam como preponderantemente importantes para a aplicação, assim como, a caracterização deste saber, muito embora, estas duas interfaces estejam interligadas. Partindo deste pressuposto, o que pode ser disto sobre a gestão e a aplicação do conhecimento histórico, no ensino básico? Antes de mais nada, cabe-se, defini-lo como um protótipo ou um produto que deve se adequar as especificidades de seu contexto, logo, atender as necessidades e as demandas dos interlocutores a quem é direcionada a construção deste saber.

Sendo assim, cabe-se definir o contexto do qual o ensino de história está inserido, de maneira que, alguns aspectos ganham mais notabilidade para a recepção deste saber pelo corpo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

discente, pois, estes, assumem configurações divergentes, ou seja, a relação, na maioria das vezes, entre o conhecimento histórico e o corpo discente assume uma profunda dissonância. Na verdade, desde a relação com o tempo e as definições basilares como os fatos, assim como, de eventos históricos não encontram atalhos para alcançar o corpo discente de forma fecunda, no entanto, o que pode ser ressaltado se trata de um hiato (distanciamento) que existe entre estes dois, fundamentalmente, importantes polos. A dificuldade de aplicação tramita devido a algumas características na abordagem deste saber, primeiramente, porque, o docente que transmitirá uma imagem deste saber dissemina-o de uma forma mórbida, se for levado em consideração o profundo dinamismo vivenciado pelos discentes em seus respectivos cotidianos, principalmente, com os recursos das mídias eletrônicas.

Definir história para os historiadores, enquanto conceito, torna-se sumariamente complexo, todavia, para os alunos este termo torna-se, quase sempre, simples, pois, ele é logo associado ao componente curricular apresentado em sala de aula, assim como, seu principal estigma de ligação com imagens correspondentes a um “marasmo”, um “passado remoto”, ou algo “ultrapassado”, assim como, de uma disciplina decorativa de datas e nomes. Acompanhando as caracterizações empregadas pelos discentes se encontram suas recepções a este saber. Desta forma, torna-se perceptível, uma densa barreira para a abordagem do conhecimento histórico na sala de aula, pois, inevitavelmente a recepção dos discentes se torna um ponto primordial para a apresentação de uma aula, no entanto, como poderá existir uma relação pacífica deste saber com os discentes se este é taxado como chato, logo, mal recebido? Ora, esta barreira pode ser transposta por alguns fundamentais pontos, tendo como cerne da questão o encantamento, mas, como pode ocorrer esta situação com uma ríspida postura do docente colocando a história como algo encrustado de formalidades e preceitos, que, dez-atraem os discentes? O ponto que deve ser ressaltado é a proximidade deste saber com os discentes, empregando ênfase no termo adequação, pois, os alunos possuem necessidades que carecem de demandas.

Necessariamente o professor deve conhecer o estilo dos docentes e, por consequência, alcança-los com uma metodologia atraente a estes. Tendo como base esta caracterização, pode-se afirmar que a ideia de ensino história e da instituição escola trata-se de aspectos fundamentalmente



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mutáveis, pois, é inconcebível assumir ou enxergar a escola como no século passado, onde, podia-se caracterizá-la como “artefato de disciplinamento”, de maneira que, os “corpos seriam docilizados segundo as necessidades do sistema atuante”, logo, este ideal de escola correlacionada ao modelo francês do século XIX, não corresponde ao modelo atual, pois, as condições sociopolíticas são adversamente incompatíveis.

Em síntese, a escola não pode ser mal receptiva, assim como, o conteúdo histórico não pode o ser, na verdade, ele, pode ser diferentemente caracterizado pelos discentes, se levado em consideração uma diferente forma de abordagem pelo docente. Se com o atual modelo de abordagem da história, em sua maioria, é mal recebido pelos discentes, porque não promover uma diferente forma, ou meio, de abordagem, mais precisamente, através de variações lúdicas? Tendo por base esta indagação, pode-se acompanhá-la com algumas caracterizações possíveis para a quebra do marasmo, que, é, para os discentes, uma das principais características vinculadas ao repúdio, deles, ao saber histórico. Como aspectos fundadores para esta imagem, aos interlocutores, as aulas de história são, em sua maioria, aulas expositivas, baseadas no uso do livro didático, juntamente, com uma rotina entediante de atividades. Tendo estas características como prerrogativas primárias ao ensino de história, a partir da perspectiva discente, porque não propor novas formas para tornar mais atrativo o ensino de história e direcionando-o ao público do ensino básico? Alternativas são diversas, pois, a história pode ser reinventada e reinterpretada através de diversos meios adequando-se a outras ferramentas, potencialmente, pedagógicas, no entanto, cabe-se esclarecer que o método tradicional não deve ser descartado, devido a sua necessariamente importante aplicabilidade, de forma que, a proposta é a quebra esporádica da rotina pedagógica.

Partindo destas indagações, juntamente, com um projeto de intervenção pedagógica denominado PIBID, com um grupo de cinco graduandos (do qual fiz parte) e uma orientadora, aplicamos, diversas atividades em uma turma de 7º ano, que, por sua vez, concebia o conhecimento histórico com todas as caracterizações pejorativas mencionadas e, posteriormente, passou a perceber a história a de uma forma diferente. Tendo por base, a busca de transformar o marasmo da sala de aula diversas atividades foram aplicadas, dentre as quais, algumas, ganharam mais ênfase, desta forma, cabe-se uma melhor descrição e reflexão sobre algumas delas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

2. UMA REFLEXÃO SOBRE ATIVIDADES LÚDICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Diversos caminhos são problematizados e traçados para um diferente fazer pedagógico no ensino de história, no entanto, em uma conjuntura temporal onde o suprassumo das ideias capitalistas como a rapidez, fluidez, transição... ganham notabilidade a interatividade assume protagonismo no cotidiano discente, logo, o ensino de história não deve se contrapor a estes novos aspectos sociais. Desta forma, pode-se dizer que o conhecimento, assim como, a pedagogia que envolve a disseminação do saber histórico, não pode se resguardar deste contexto, mas sim, se adequar a ele. Partindo deste pressuposto, um dos prováveis caminhos para a aplicação do conhecimento histórico de uma forma dialogada com o cotidiano discente se trata de adequá-lo a jogos, pois, estes,

[...] Trazem consigo uma nova reestruturação e ressignificação do mundo do entretenimento, da informação e da educação. Eles envolvem, seduzem e divertem, imprimindo um novo texto e contexto comunicacional, disputando a atenção de crianças, jovens e adultos com outros espaços de lazer e de organização e sistematização de conhecimento, como a escola (TAVARES, 2007: 13).

A apropriação de jogos para o ensino da história é um movimento necessariamente possível aos professores de história, no entanto, cabe-se salientar que o movimento oposto já foi implementado a muito tempo, haja vista, que, existem jogos, principalmente, eletrônicos que possibilitam ao aluno, por vezes, uma aula mais produtiva do que em uma sala de aula.

Através da ressignificação de jogos tradicionais ou contemporâneos aos discentes a composição pedagógica de aula pode ser reinventada, como, no caso de duas atividades aplicadas respectivamente nos dias 04/06/2014 e 19/06/2014 pelo projeto já mencionado, onde, a primeira se tratava de uma competição de duas equipes formadas pela divisão da turma trabalhada. Nesta competição, aconteceu a reinterpretação de um tradicional jogo de tabuleiro, conhecido como damas, de maneira que, através de um jogo de perguntas e respostas sacramentava-se a movimentação, ou não, dos participantes, pois, estes, estavam na qualidade de peças do tabuleiro. As perguntas foram formuladas e compostas de forma relacionada ao assunto trabalhado, que, se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tratava do vasto período da história conhecido como idade média. Cabe-se salientar que os discentes participantes da atividade pedagógica prestaram uma notória atenção ao assunto, que, foi trabalhado pela professora, orientadora do grupo que aplicou a “competição”. Logo, foi perceptível a captação do conteúdo trabalhado em sala de aula e pode ser interpretado a capacidade de apreensão dos alunos, juntamente, com as respectivas dificuldades e potencialidades.

Como contraponto ao jogo de tabuleiro tradicional e já conhecido pelos discentes, na atividade subsequente, aplicada no dia 19/06/2014, foi implementado um novo conteúdo que seria acompanhado de uma nova e desconhecida atividade para os discentes. Tratava-se de um jogo, também de tabuleiro, conhecido como RPG (Rowling Player Game) onde, os alunos, participavam ativamente das escolhas explanadas pelas diversas situações apresentadas pelo graduando, que acompanhava a atividade, todavia, o jogo foi projetado e embasado acerca do conteúdo aplicado pela docente orientadora do grupo. Partindo de um ponto fixo e em busca de uma finalidade específica, assim, os discentes, decidiam o destino de seu respectivo personagem, que, se tratava de um muçulmano que deveria partir de uma remota região até chegar a Meca, seu destino final. Foi possível, também, trabalhar aspectos interdisciplinares nesta atividade, pois, necessariamente, as variantes climáticas interferiam diretamente nas consequências das escolhas dos jogadores discentes. Diversos aspectos foram trabalhados e capturados pelos discentes a partir desta atividade, que, de certa forma, pode propiciar um aprendizado prático do conhecimento histórico programado.

Uma diferente utilização dos dois jogos mencionados, possibilitou, reflexões sobre a caracterização construída pelos discentes acerca do saber histórico, em contraponto, a nova percepção, destes, sobre este conhecimento. Diante destas, possibilidades, pode ser percebido e interpretado que o ensino de história possui um potencial rico para o aprendizado discente, desde que, apresente interação para estes, assim como, possibilite a principal característica da história: a potencial curiosidade dos interlocutores.

Não apenas possibilitou uma nova forma de aprendizado, mas, também criou uma aproximação de esferas distintas: o cotidiano discente escolar modificado através de ferramentas,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

até então, extra escolares. O que pressupõe, necessariamente, a reinvenção de uma das principais “engrenagens” da pedagogia escolar: o docente.

3. A POSTURA DOCENTE NO ENSINO DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADES E RESTRIÇÕES.

A partir do que foi explanado até o presente momento, diversos, pontos foram problematizados, no entanto, a postura do professor de história frente a estas inovações, também, deve ser reinterpretada, pois, torna-se em condição de nulidade estas propostas frente a caracterização docente aos moldes do século XIX, onde, este, tratava os alunos como meros receptáculos a serem preenchidos. A postura docente tradicional, nada mais, que inibe as respectivas potencialidades dos discentes e os transmitem uma condição malevolente acerca do saber histórico, de maneira, que, condiciona-os a condição de coadjuvantes da história, ou meros participantes, de um evento. Desta forma, o conhecimento histórico não é apreendido e, também, não assume suas principais prerrogativas, que se baseiam na caracterização de um autoconhecimento, no que tange a consciência histórica, assim como, a condição de posicionamento crítico frente as condições que lhes são impostas.

Tendo por base a postura tradicional do docente, contrapondo-se a alguns fundamentais pontos, que, se interpõe as propostas e experiências expostas até o momento, ganha notoriedade, a negação a carga, ou acúmulo de experiência extra-escolares por parte dos discentes. Assim como, pode-se dizer que o dinamismo é uma das principais condições para o melhoramento do aprendizado, discente, sobre o conhecimento histórico e quando o docente inibe esta condição ele recorta uma parte, substancialmente, importante para a disseminação do saber histórico: a condição de inserção nos processos históricos. Desta forma, se implica, necessariamente uma mudança de postura dos docentes aos seus respectivos interlocutores, diante de uma fundamental pretensão: criar uma ligação entre o ensino de história e o cotidiano discente, prefigurando-se, assim, a minimização de uma ruptura entre este saber e o frenesi da geração digital, que, com apenas “pequenos toques” percebem que fluem e se dissipam múltiplas e incontáveis informações;



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

juntamente, com um preponderantemente importante componente na formação subjetiva do ser: as transformações históricas.

Diante do que foi problematizado acerca dos desafios enfrentados pelo ensino de história, juntamente, com a necessária mudança de alguns aspectos já mencionados, que possibilitariam uma maior aproximação deste saber com o público alvo; pode-se dizer que a postura docente deve-se adequar as mudanças que acontecem fora da escola, apropriando-se, de ferramentas que potencializaram o ensino de história e sua respectiva finalidade. Dito isto, cabe-se salientar que as propostas não implicam em transportar o docente das respectivas experiências, assim como, das condições mutáveis, que, passam de geração para geração, mas, tentar criar novas possibilidades atrativas aos discentes, com relação ao aprendizado do ensino de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Diante do que foi apresentado e problematizado, no que tange ao ensino de história, existe um potencialmente forte grau de possibilidades, deste, ser reinventado, assim como, adequado a realidade fora da escola. No entanto, faz-se necessário uma nova adaptação, assim como, reinterpretação dos conteúdos preestabelecidos no conteúdo formal para novas formas de implementação em uma sala de aula. Diversos mecanismos, que na atualidade se configuram como antípodas, ao atual modelo do ensino da história podem se transformar em aliados pedagógicos, pois, em diferentes formas e através de distintas atribuições as reflexões sobre os fatos históricos podem ser capturadas e transmitidas.

Dito isto, as propostas são múltiplas para as diferentes formas e práticas docentes acerca do saber histórico, no entanto, cabe-se salientar, que os aspectos tradicionais de abordagem não devem ser retirados do artífice pedagógico, afinal, as aulas expositivas são o principal lastro de aprendizagem e da disseminação das narrativas históricas. Na verdade, as diversas formas apresentadas são novas formas que buscam auxiliar o aprendizado do conhecimento histórico, assim



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como, modificar a perspectiva discente acerca deste saber, que, muito possibilita a formação destes, enquanto cidadãos e sujeitos.

REFERÊNCIAS:

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. In: Revista Educação. V. 37, N° 1, p. 33 – 41, jan. / abr. 2014.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir; o nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. – 31. ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

TAVARES, Marcus Tadeu de Sousa. *Jogos eletrônicos: educação e mídia*. In: SILVA, Eliane de Moura... [et. al] (org.). Jogos Eletrônicos: construindo novas trilhas. – Campina Grande, PB: EDUEPB, 2007, pp. 13-25.